

pela festa do "javari", levada ao Xingu pelos índios Trumai. Entretanto, no presente volume nada se diz de tal festa, cuja origem talvez esteja na própria cerimônia do "ole". Seria interessante examinar em que medida existiriam tais relações.

A monografia sobre os Trumai, fonte preciosa e indispensável para a análise deste grupo, é trabalho sério de dois antropólogos que, sem nunca terem travado conhecimento, colaboraram para a existência de um estudo que, ao que tudo indica, será único, pois os Trumai, que em 1953 eram apenas 24, em breve não passarão de um nome a mais na triste lista das tribos extintas.

Rosa Rosemberg Krauss

GILBERTO FREYRE: Problemas Brasileiros de Antropologia, 2a. edição. revista e ampliada. LXXIV + 323 págs. Livraria José Olympio Editôra, Rio de Janeiro, 1959.

Integrando a coleção das Obras Reunidas de Gilberto Freyre, aparece consideravelmente ampliada a segunda edição deste livro de ensaios, que inclui, de mistura, trabalhos vários e heterogêneos, produzidos em épocas diversas e ao sabor das circunstâncias, no espaço de dois decênios de labor intelectual e à margem de toda uma série de obras de maior fôlego. Merece destaque uma nova introdução, de umas quarenta páginas, sobretudo interessante para quem queira ter uma visão melhor das preocupações metodológicas do autor e da maneira pela qual este encara a sua própria posição no desenvolvimento das Ciências Sociais, e da Antropologia em particular, em terra brasileira. Os quinze ensaios enfeixados no volume, escritos quase todos como conferências ou comunicações a congressos científicos, transmitem uma imagem caleidoscópica de aspectos ora gerais, ora regionais, da formação étnica do Brasil e de umas tantas questões de política cultural deles decorrentes. Todos esses trabalhos levam a marca de um pensador de personalidade vigorosa e independente, de um escritor cioso de seu estilo próprio e de sua maneira pessoal de ver as coisas e de colocar os problemas. Em grande parte, ao que nos parece, o caráter positivo da coletânea está no estímulo que representa para o espírito crítico do leitor, do qual não se exige que concorde, sempre e em toda parte, com as idéias expostas, mas do qual se requer uma disposição sadia para ponderar os fatos e os argumentos apontados no texto. É que Gilberto Freyre não pretende, nestes ensaios, levar às últimas consequências a análise dos temas que aborda, nem tratá-los de maneira exaustiva e sistemática. Muito menos dá a impressão de querer dizer a última palavra sobre os numerosos pontos controvertidos ou passíveis de discussão. Ao contrário, serve-se conscientemente de um método de abordagem intuitiva, a seu ver mais adequado à captação, mesmo científica, do que há de original, genuíno e vivo nos fenômenos culturais. Tal modo de proceder defende-o com longa profissão de fé metodológica, em que invoca, a seu favor, os pesquisadores que, justificando o cunho humanístico de certos estudos antropológicos, não vêem como fugir ao subjetivo e à sensibilidade estética em sua tarefa de compreender a natureza das culturas. O antropólogo, mesmo beirando o risco de fazer literatura, não deixará de ser também poeta, unindo a empatia, embora de uso perigoso, ao esforço de objetividade, de que naturalmente não pode abdicar. O que importa é não resvalar para a fantasia ou o capricho pessoal.

Tema recorrente de boa parte dos trabalhos é a pluralidade das origens culturais do Brasil. Volta e meia, abordam-se a heterogeneidade e as incongruências da situação atual, sempre ou quase sempre com o objetivo de abrir perspectivas de uma política para o futuro. Paladino de uma cultura brasileira de cunho visceralmente lusíada, com atributos de variante tropical, Gilberto Freyre se mantém todavia afastado de qualquer posição exclusivista ou até intolerante. Nem poderia ser outra a atitude de um escritor que sempre foi avêso a tôda espécie de "purezas", de raça como de cultura. A imagem ideal do futuro é a de um arquipélago cultural, a ser alcançado e mantido através de uma "política de cultura a um tempo tradicionalista, e progressista, personalista e socialista, unionista e regionalista, lusitanista e pluralista, hispanista e americanista, continentalista e provincianista" (pág. 170). Em suma: salvaguardar a variedade na unidade e enriquecer o todo com os mais variados elementos, sobretudo de "energia folclórica" (pág. 166), de que sejam portadores os imigrantes de outras terras que aqui venham estabelecer-se.

Sem constituir objeto de um ensaio especial, encontra-se no livro, de forma dispersa, assistemática, e de permeio com outras considerações, um esboço histórico da Antropologia cultural brasileira dos últimos decênios. Sem o querer talvez, o autor a caracteriza como uma espécie de, poderíamos dizer, Antropologia adolescente, com tudo o que de positivo e de negativo o termo possa sugerir. São sintomáticos, por um lado, o entusiasmo dos jovens pesquisadores diante da imensidade do campo e a complexidade dos problemas que encerra, a sua acuidade na percepção de coisas novas, a decisão com que procuram romper os quadros para-antropológicos de precursores bem intencionados, mas sem o domínio das necessárias categorias de compreensão e de análise, a recusa de verem os resultados da pesquisa dissociados da ação prática; por outro, o seu caráter irrequieto, buliçoso e por vêzes indisciplinado, a preocupação nacionalista, a discussão em tôrno de prioridades e outras coisas mais. Pela sua personalidade científica de formação universitária estrangeira, Gilberto Freyre, pensador de horizontes largos, de há muito consagrado como um dos líderes intelectuais do Brasil contemporâneo, é sem dúvida um dos homens mais capazes de superar essa Antropologia em vésperas de ritos de iniciação.

Egon Schaden